



MARIA JOSÉ DE LANCASTRE (1946) nasceu em Lisboa, onde frequentou o curso de Românicas da Faculdade de Letras da Universidade Clássica. Foi viver para Itália em 1967 e licenciou-se pela Universidade de Pisa, onde fez a sua carreira de docente, ensinando Literatura Portuguesa. É autora de uma edição crítica do texto da «Escola Vicentina», “O Auto das Padeiras”, e de ensaios sobre literatura moderna (Mário de Sá- Carneiro, «Orpheu», António Botto). Foi codirectora da revista «Quaderni Portoghesi» (1977-1989). A sua Fotobiografia de Fernando Pessoa (INCM, 1981) foi publicada também em Itália, em França e no Brasil. Com Antonio Tabucchi, com quem casou, traduziu para italiano grande parte da obra de Fernando Pessoa. É ainda autora de “Com um sonho na bagagem: uma viagem de Pirandello a Portugal” (2015).

«Enquanto atravessava a praça, Antero ouviu uma música. Parou e voltou-se. Na esquina oposta, à sombra de um plátano, estava um vagabundo a tocar um realejo. O vagabundo fez-lhe sinal e Antero dirigiu-se para ele. Era um cigano magro e tinha um macaco ao ombro. Era um pequeno ser de focinho irónico e triste e vestia uma farda vermelha com botões dourados. Antero reconheceu o macaco do seu sonho e compreendeu quem era. O animal estendeu-lhe a minúscula mão negra e Antero deixou cair nela uma moeda. Em troca o animal tirou à sorte um papelinho colorido entre os muitos que o cigano tinha enfiados no chapéu e deu-lho. Antero pegou nele e levou-o. Atravessou a praça e sentou-se num banco junto do fresco muro do convento da Esperança, onde havia uma âncora azul pintada na parede. Tirou o revólver do bolso, levou-o à boca e puxou o gatilho. Teve um momento de espanto ao continuar a ver a praça, as árvores, o cintilar do mar e o cigano que tocava o realejo. Sentiu um frio morno que lhe escorria pelo pescoço. Accionou o mecanismo do revólver e fez fogo pela segunda vez. Então o cigano desapareceu e os sinos da Matriz começaram a bater o meio-dia.»

Antonio Tabucchi, in *Mulher de Porto Pim*, tradução de Maria Emília Marques Mano, Difel, 1983, pp. 48-49.



**POESIA
NO TEATRO**
PROGRAMA ELABORADO POR
HENRIQUE FIALHO

ANTONIO TABUCCHI
POR
MARIA JOSÉ DE LANCASTRE

27 de MAIO de 2025





ANTONIO TABUCCHI (1943-2012) nasceu em Pisa, onde fez os seus estudos, primeiro na Faculdade de Letras e depois na Scuola Normale Superiore. Ensinou nas Universidades de Bolonha, Roma, Génova e Siena. Foi Visiting Professor no Bard College de Nova Iorque, na École de Hautes Études de Paris e no Collège de France. Publicou 27 livros, entre romances, contos, ensaios e textos teatrais. As suas obras estão traduzidas em mais de 40 países. Recebeu numerosos prémios nacionais e internacionais. Sozinho, ou com Maria José de Lancastre, traduziu para italiano a obra de Fernando Pessoa. Considerando que a sua pátria é também a língua portuguesa, escreveu um romance em português, "Requiem". O seu teatro foi levado ao palco, entre outros, por Giorgio Strehler e Didier Bezace. "O Fio do Horizonte", "Nocturno Indiano", "Afirmo Pereira" e "Requiem" foram adaptados ao cinema respectivamente por Fernando Lopes, Alain Corneau, Roberto Faenza e Alain Tanner. Em Julho de 2024, as Publicações Dom Quixote editaram em Portugal o seu livro de estreia: "O Pequeno Navio" (1978).

«Frequentava um amigo poeta que assinava os seus poemas com o pseudónimo de Roxi, e que no registo civil se chamava Adalberto Rossi, empregado nos Correios, guichê dos telegramas, da Rua Medagli d'Oro; era licenciado em Direito, infeliz, alienado e empenhado à época em resolver com versos de vinte e uma palavras o problema do narcisismo na poesia contemporânea. Sobre o narcisismo, Adalberto fazia também prolixas e telúricas conferências na Caverna, um teatrinho de bolso instalado numa cave próxima da tipografia Favilla, onde se representavam obras dos autores preferidos de Adalberto. A alienação, como era moda então dizer-se, reinava nos serões culturais da Caverna, quando no estrado intervínham poetas espontâneos e desconhecidos irmanados pelo vínculo da alienação. Mas, não obstante esta eucarística incomunicabilidade, Sexto nunca encontrou coragem, embora bombardeado pela insistência de Adalberto, para expressar aos que ali se encontravam o seu profundo vazio. Não foi empresa fácil resistir aos apelos de Adalberto Rossi, que lançava as suas mensagens em formulários telegráficos. Roxi, de facto, escrevia poemas só em formulários telegráficos: o remetente era o poeta Roxi, naturalmente; o destinatário, em contrapartida, era o homem Adalberto Rossi. O texto poético, que nunca ultrapassava vinte e uma palavras, não utilizava pontuação, mas era ritmado pela cadência dos «stop». O resultado chamava-se telepoema.»

Antonio Tabucchi, in *O Pequeno Navio*, tradução do italiano de Maria da Piedade Ferreira, revisão de Maria José de Lancastre, Publicações D. Quixote, Julho de 2024, pp. 162-163.

«Os ciganos estavam mesmo à entrada do cemitério, tinham arranjado um pequeno mercado com bancas de madeira e mantas estendidas no chão.

Desci do táxi e disse ao homem para ficar à minha espera. O largo estava deserto e os ciganos dormiam estendidos no chão. Aproximei-me da banca de uma velha cigana vestida de preto com um lenço amarelo na cabeça. Na banca dela estava um monte de camisolas Lacoste impecáveis, só não tinham o crocodilo no seu lugar. Cigana, chamei, quero fazer compras. O que é que tu tens, meu filho?, perguntou a Velha Cigana ao ver a minha camisa, estás com sezões ou quê? Não sei o que é que tenho, cigana, respondi, tenho estado a suar como um cavalo, preciso de uma camisa limpa, talvez de duas. Depois eu digo-te o que é que tu tens, disse a Velha Cigana, depois eu digo-te, mas agora compra as camisas, meu filho, não podes ficar nestas condições, o suor que seca nas costas faz adoecer. O que é que me aconselhas, perguntei, uma camisa ou uma camisola? A Velha Cigana pareceu reflectir um instante. Aconselho-te uma camisola Lacoste, disse depois, são as mais fresquinhas, se queres uma Lacoste falsa custa quinhentos escudos, uma autêntica custa quinhentos e vinte. Caramba, disse eu, uma Lacoste por quinhentos e vinte escudos parece-me muito barata, mas qual é a diferença entre a falsa e a autêntica? Para teres uma Lacoste autêntica é simples, disse a Velha Cigana, primeiro compras a falsa, que custa quinhentos escudos, depois compras o crocodilo, que custa vinte escudos e que é autocolante, colas o crocodilo no seu lugar e aí tens uma camisola autêntica. Indicou-me um saquinho cheio de crocodilos. Aliás, disse, por vinte escudos dou-te quatro crocodilos, meu filho, assim ficas com três de reserva, que muitas vezes estes auto-colantes são chatos porque se descolam.»

Antonio Tabucchi, in *Requiem – Uma alucinação*, 1.ª edição na Dom Quixote, Abril de 2007, 6.ª edição, Fevereiro de 2023, pp. 25-26.